

# **Tipos de colonização e efeitos na modernidade brasileira: As Américas espanhola e portuguesa em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.**

Mateus Lôbo.

Cita:

Mateus Lôbo (2019). *Tipos de colonização e efeitos na modernidade brasileira: As Américas espanhola e portuguesa em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda*. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/1404>



## Tipos de colonização e efeitos na modernidade brasileira: As Américas espanhola e portuguesa em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda

Mateus Lôbo

### Resumo

A partir dos ensaios “Casa-grande & senzala” (1933) e “Raízes do Brasil” (1936), de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda respectivamente, esta pesquisa propõe investigar, nesses autores, não só as diferenças entre os tipos de colonização empreendidos nas Américas Espanhola e Portuguesa, mas como isso interferiu no processo de modernização do Brasil. A escolha dos livros se justifica pela premissa de Antonio Candido de que são obras que representam um sopro de radicalismo intelectual e análise social na década de 30 no país. Nelas é possível ter clareza de que o gênero de colonização realizado em terras brasileiras pelos portugueses, colocado em perspectiva ao espanhol, interferiu na formação do país. À guisa de exemplo, para Freyre, o colono português com técnicas assimiladas na África, além de sua disponibilidade para misturar-se a novos povos e a hábitos culturais, foi fundamental para que o Brasil se tornasse a primeira sociedade moderna constituída nos trópicos. Para Holanda, diversamente, a dominação portuguesa no Brasil foi feita por homens aventureiros sem pretensões de estabelecer uma colônia guiada pela razão, como teria sido o caso das possessões da América espanhola. Metodologicamente a investigação aqui intentada será elaborada por meio da exploração de fontes primárias e secundárias, sendo um estudo comparativo que busca compreender aproximações e distanciamentos quanto à modernidade em intelectuais clássicos do pensamento social latino-americano.

### Palavras-chave

Colonização; Gilberto Freyre; Modernidade; Pensamento Social; Sérgio Buarque de Holanda.

Os ensaios “Casa-grande & senzala” (1933) e “Raízes do Brasil” (1936), de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda respectivamente, exprimem o “sopro de radicalismo intelectual e análise social” depois da Revolução de 1930, na definição clássica de Antonio Candido em 1967, em prefácio ao livro de Sérgio Buarque. Casa-grande por ser uma ponte entre os antigos intérpretes do Brasil e a nova ciência social que surgia no país, o que foi feito, para Cândido, com uma linguagem revelando a



influência negra na cultura de uma sociedade que só elogiava e buscava as contribuições do branco colonizador.

Já “Raízes do Brasil” por fornecer não só elementos para a compreensão do nosso passado, das nossas “raízes”, mas uma solução de saída democrática para o presente, que em 1930 oscilava entre a direita e a esquerda autoritária<sup>1</sup>. Assim, para Antonio Candido, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque, juntamente com Caio Prado Jr. com “Formação do Brasil Contemporâneo” (1942), “traziam a denúncia do preconceito de raça, a valorização do elemento de cor, a crítica dos fundamentos ‘patriarcais’ e agrários, o discernimento das condições econômicas, a desmistificação da retórica liberal” (Candido, 2010 [1967], p.11).

Entretanto, se “Casa-grande & senzala” e “Raízes do Brasil” compartilham tal espírito de denúncia, em muitos aspectos elas são obras distantes, por exemplo quanto ao diagnóstico sobre o tipo de colonização empreendida no Brasil em oposição à América Espanhola. Nesse sentido, se em Raízes a experiência colonial portuguesa nos trópicos não produziu frutos e permanência cultural, sendo o modelo de sociedade praticado no país um tipo importado e pouquíssimo adequado ao ambiente tropical, em Casa-grande, e nas obras seguintes de Freyre, é afirmado que se estabeleceu no país, desde o seu início, uma sociedade com propriedades próprias, como também modernas.

Não à toa que o pernambucano Freyre registra em “Casa-grande”: “de formação portuguesa é a primeira sociedade moderna construída nos trópicos com características nacionais e qualidades de permanência” (Freyre, 2006, p.73). Para Freyre, as relações sociais e comportamentos culturais europeus foram ressignificados, para além da tradição estritamente feudal de estamentos intransponíveis, no meio tropical, quando em choque com os valores indígenas e africanos, contribuindo para isso a plasticidade do português, ele já um mestiço, para o pernambucano.

Plasticidade que também aparece em Holanda, porém significando tão somente comodismo, sendo unicamente um meio rápido de adaptação, sem vontade criativa, a um meio estranho ao europeu. O que repercutiu em uma nacionalidade, para ele, quase incapaz de fundar ou ressignificar as instituições sociais vindas dos colonizadores, sendo o personalismo ibérico permanente nas relações humanas nacionais o maior exemplo disso. De maneira que a colonização portuguesa no Brasil, para Sérgio Buarque, teve o aspecto de algo falso e não ajustado às terras nacionais, gerando uma sociedade que “parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem”. (Holanda, 2010, p.31).



Assim, se o português de Gilberto Freyre é uma força criadora constante, não devendo, por exemplo, nada aos colonizadores espanhóis; para o paulista Holanda o colonizador do Brasil foi tipo um aventureiro sem pretensões de estabelecer empresas coloniais guiadas pela razão, pois “mesmo em seus melhores momentos, a obra realizada no Brasil pelos portugueses teve um caráter mais acentuado de feitorização do que de colonização.” (Holanda, 2010, p.107). Ainda para ele, os países de matriz ibérica que estiveram sob o domínio espanhol foram guiados pela estabilidade e por uma racionalidade criativa que cuidou em de fato de criar uma civilização sem o simples caráter de empresa exploratória. É o que fica evidente no trecho a seguir de Raízes do Brasil:

*Comparado ao dos castelhanos em suas conquistas, o esforço dos portugueses distingue-se principalmente pela predominância de seu caráter de exploração comercial, repetindo assim o exemplo da colonização na Antigüidade, sobretudo da fenícia e da grega; os castelhanos, ao contrário, querem fazer do país ocupado um prolongamento orgânico do seu. Se não é tão verdadeiro dizer-se que Castela seguiu até ao fim semelhante rota, o indiscutível é que ao menos a intenção e a direção inicial foram essas. O afã de fazer das novas terras mais do que simples feitorias comerciais levou os castelhanos, algumas vezes, a começar pela cúpula a construção do edifício colonial. (Ibidem, p.98)*

Já para Freyre, a colonização portuguesa, além de ter feito surgir uma sociedade moderna nos trópicos, também gerou, por meio do transigir do colonizador com o indígena e com o africano, uma sociedade miscigenada. Miscigenação que para ele teve o papel de no Brasil de:

*(...) corrigi[r] a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido de aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos, com uma rala e insignificante lambujem de gente livre sanduichada entre os extremos antagônicos, foi em grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação. A índia e a negra-mina a princípio, depois a mulata, a cabrocha, a quadrona, a oitavona, tornando-se caseiras, concubinas e até esposas legítimas dos senhores brancos, agiram poderosamente no sentido de democratização social no Brasil. (Freyre, 2006, p.33)*

Miscibilidade, já em Holanda, que o colonizador do Brasil utilizou unicamente para realizar sem grandes esforços o povoamento do Brasil. Característica registrada em Raízes do Brasil desta maneira: “a mestiçagem (...) não constituiu, na América portuguesa, fenômeno esporádico, mas, ao contrário, processo normal. Foi, em parte,



graças a esse processo que eles puderam, sem esforço sobre-humano, construir uma pátria nova longe da sua. ” (*Ibidem*, p.66).

Ademais, para o paulista, os portugueses apenas absorveram as técnicas de domínio do solo tropical que os indígenas já ostentavam em vez de desenvolver outras; o que fazia deles “instrumentos passivos” que “facilmente, ced[iam] às sugestões da terra e de seus primeiros habitantes, sem cuidar de impor-lhes normas fixas e indeléveis”, sendo um traço dos lusitanos, prossegue Sérgio Buarque, só “sab[er] repetir o que estava feito ou o que lhes ensinara a rotina. ” (*Ibidem*, p.52). Estilo diverso teve, para ele, o espanhol, porque foi um dominador “ladrilhador”, enquanto o português foi “semeador”, pois o luso “a ordem que aceita não é a que compõem os homens com trabalho, mas a que fazem com desleixo e certa liberdade; a ordem do semeador, não a do ladrilhador. ” (*Ibidem*, p.116).

Idiossincrasia que se refletiu até mesmo nas cidades da América espanhola, que adentraram o interior e foram para Holanda fruto de um ordenamento estável e bem orientado, sendo um ânimo legítimo de dominar uma terra recém-descoberta. Esse padrão citadino não teria se repetido no mundo português, porque para Holanda além de estarem restritas às áreas litorâneas, diversamente do que ocorreu nas edificações espanholas, a cidade que o português ergueu na América não é “produto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza, e sua silhueta se enlaça na linha da paisagem. Nenhum rigor, nenhum método, nenhuma previdência, sempre esse significativo abandono que exprime a palavra ‘desleixo’”. (*Ibidem*, p.110).

Nada mais distante das formulações de Gilberto Freyre, para quem a colonização empreendida pelo português foi original e criou “a civilização mais estável entre os hispanos” (Freyre, 2006, p.43); o que seria notório até na arquitetura das casas-grandes adaptada às condições tropicais, pois:

*A casa-grande de engenho que o colonizador começou, ainda no século XVI, a levantar no Brasil grossas paredes de taipa ou de pedra e cal, coberta de palha ou de telha-vã, alpendre na frente e dos lados, telhados caídos em um máximo de proteção contra o sol forte e as chuvas tropicais - não foi nenhuma reprodução das casas portuguesas, mas uma expressão nova, correspondendo ao nosso ambiente físico e a uma fase surpreendente, inesperada, do imperialismo português: sua atividade agrária e sedentária nos trópicos; seu patriarcalismo rural e escravocrata. (...). Basta comparar-se a planta de uma casa-grande brasileira do século XVI com a de um solar lusitano do século XV para sentir-se a diferença enorme entre o português do reino e o português do Brasil. Distanciado o brasileiro do reino por um século apenas de vida patriarcal e de*



*atividade agrária nos trópicos já é quase outra raça, exprimindo-se em outro tipo de casa.*  
(Freyre, 2006, p.35)

De modo que se para Sérgio Buarque de Holanda a experiência colonial portuguesa nos trópicos não foi racional, e conseqüentemente moderna, como na América espanhola, sendo o modelo de sociedade praticado no país um tipo importado e pouquíssimo adequado ao ambiente tropical; para Freyre, inclusive, a arquitetura das casas-grandes demonstraria que os comportamentos culturais europeus, quando em choque e misturados com os valores indígenas e africanos, foram ressignificados no meio tropical desde o princípio da colonização para produzir a primeira nação moderna dos trópicos.

### Notas

1 - Como lembra Fernando Henrique Cardoso: Holanda “não se limita a descrever uma situação definida por uma ‘herança histórica’. Especula sobre alternativas democráticas. (...). Sérgio se coloca contra a onda dominante, que ou era fascista ou comunista. (...). E faz também a crítica da liberal-democracia cabocla, mostrando que ela era outra forma de poder pessoal disfarçada em belas palavras, perfeitamente assimiláveis pela elite de poder no Brasil, que aceita, do ponto de vista abstrato e ideológico, a posição liberal-democrática, mas que se esquece dos fundamentos sociais necessários para a existência de uma situação democrática efetiva.” (Cardoso, 1993, p.29).

### Referências bibliográficas

- Candido, Antonio. (2010). *O significado de raízes do Brasil*. In: Holanda, S.B. *Raízes do Brasil*. . São Paulo, Companhia das Letras.
- Cardoso, Fernando Henrique. (1993). *Livros que inventaram o Brasil*. Novos Estudos, nº37.
- Freyre, Gilberto (2006). *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global.
- Holanda, Sérgio Buarque. (2010). *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.